

INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO DA CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA TERCEIRENSE

Angra do Heroísmo, 21 de julho de 2016

Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

Em primeiro lugar, tenho que agradecer a bondade das palavras do Senhor Presidente da Confederação Operária Terceirense e dirigir também uma sudação ao Reverendo Cónego Helder Mendes. As suas palavras são um incentivo a este trabalho e, a este propósito, gostaria de deixar duas ou três mensagens nesta intervenção.

A primeira delas é o gosto que tenho de estar hoje aqui convosco na inauguração deste Centro, após obras de requalificação e de remodelação que ascenderam a cerca de um milhão de euros, mas que vale, no fundo, por aquilo que ele significa.

Dizer-vos, também, que o gosto de estar hoje aqui convosco é, de certa forma, a satisfação de constatar um percurso que foi feito ao longo destes últimos quatro anos, em que, enquanto Região e enquanto Povo, fomos assolados por muitos desafios. Tivemos muitos desafios à nossa frente.

Não me refiro apenas às entidades públicas, refiro-me, sobretudo, às famílias, às empresas, a cada um dos Açorianos individualmente, às Instituições Particulares de Solidariedade Social, àquelas que têm a responsabilidade e que assumem, conscientemente e por vontade própria, essa responsabilidade de ajudar.

O facto é que o trajeto que fizemos ao longo destes últimos quatro anos, se é certo que não exclui e não resolveu tudo, coloca-nos com a consciência do dever cumprido. Não no sentido de estar tudo feito, mas no sentido de, face a cada um dos desafios com que nos deparamos, de termos colocado todo o nosso empenho, toda a nossa capacidade, tudo aquilo que pudemos mobilizar, para enfrentarmos e ajudarmos a enfrentar estes desafios.

Este Centro que hoje inauguramos vem integrar uma rede que é constituída por 15 Centros de Alojamento Temporário, servindo cerca de 200 utentes em toda a nossa Região, e por quatro Casas de Abrigo. Esta rede também integra duas equipas de rua de apoio a semabrigo. No fundo, aquilo que é o resultado de um investimento público que, só no ano de 2015, foi superior a 20 milhões de euros e que se dirige exatamente a esta área para acudir àqueles que, de entre nós, estão numa situação de maior fragilidade.

Este não é um trabalho que fique concluído com este Centro. É um trabalho que tem, neste momento, obras em curso no Centro de Terapia Familiar, em São Miguel, que entrará em funcionamento no próximo ano, e no Centro de Alojamento Temporário e Apoio ao Sem-Abrigo da Cáritas, também uma obra de cerca de quatro milhões de euros, que está a decorrer e entrará em funcionamento no próximo ano.

Posso hoje anunciar que vamos, também na cidade da Horta, avançar com as obras de requalificação de um imóvel, propriedade da Santa Casa da Misericórdia, no sentido de também aí criar um Centro de Alojamento Temporário.

Mas, mais do que a questão dos montantes e das obras concretas, esta cerimónia e o objetivo desta infraestrutura acaba, nos tempos que correm, por ter uma força extraordinária.

É que nós hoje assistimos por todo o mundo a uma mensagem que reforça o individualismo, que reforça o isolamento, que reforça, no fundo, aquilo que é uma determinada perspetiva da vida e da sociedade em que cada um deve desenvencilhar-se por si - permitam-me o termo - e que, nomeadamente as entidades públicas, devem ser remetidas a um papel de meros espetadores.

Isto não pode ser assim, nem deve ser assim! Esta inauguração demonstra que não tem que ser assim, sobretudo quando convergem duas vontades.

A vontade de uma instituição privada, que se disponibiliza e que assume como sua função ajudar aqueles que estejam em situações de maior exclusão social, e da parte pública, também é certo, a assunção clara de que, como sociedade, temos uma responsabilidade indeclinável de ajudar, de amparar aqueles que estão numa situação de maior fragilidade.

Esta é a nossa responsabilidade. A responsabilidade de criar os mecanismos que possam não é substituir-se ao trabalho, às funções e à responsabilidade de cada um, mas sim ajudar e amparar aqueles que, seja por vicissitudes da vida, seja por vicissitudes próprias, estão numa situação de maior fragilidade.

É importante que tenhamos consciência de que isto não tem que ser assim e que, sobretudo nos tempos que correm, há quem ache que não deve ser assim. Conscientemente. Que a parte pública não deve fazer isso e que deve estar reservada a um papel de mero espetador das desgraças que acontecem por este mundo.

É importante que, aqui na nossa Região, tenhamos a capacidade de demonstrar que há uma via possível, que há um entendimento que se concretiza não apenas nesta infraestrutura, mas que se concretiza - para vos dar uma ideia da dimensão daquilo que estamos a falar - numa parceria entre entidades públicas e entidades privadas que permite que cerca de 45 mil Açorianos vejam nesta parceria a força que permite ampará-los numa situação de maior fragilidade.

Isso é algo que nos enriquece como Povo e que nos enriquece como Região. Isso é algo de que devemos ter orgulho como Povo e como Região. Esta rede de solidariedade que criamos, que mantemos, que queremos reforçar no sentido de poder amparar aqueles que, de entre nós, estão numa situação de maior fragilidade. Porque esta é a nossa responsabilidade.

Nós não podemos virar a cara, nós não podemos virar as costas a estas situações, por uma simples razão. Se isso acontecesse, ficaríamos mais pobres como Povo e como Região, ficaríamos menos dignos como Povo e como Região, e isso não pode nem deve acontecer.

Se esta parceria se verifica em relação àqueles que estão numa situação de maior fragilidade, verifica-se também, sobretudo nesta tormenta que enfrentamos nos últimos quatro anos, num conjunto variado de setores da nossa sociedade.

Em relação aos nossos idosos, com medidas que foram criadas e reforçadas, em relação à infância e à juventude, em relação aos pais, às famílias, mas também em relação às empresas, em que as entidades públicas assumiram convictamente essa responsabilidade de, num período de maior dificuldade, ajudar. Quem diz as empresas, diz agricultores e pescadores.

É isto que faz também a força da nossa Região, a força que nos permite poder afirmar que somos uma Região solidária, que somos uma Região que olha pelos seus, que somos uma Região que não vira a cara àquelas situações que nos impelem, que nos exigem ter uma atuação de cuidado e de atenção, de amparar e de ajudar.

Isso não significa – e é importante que essa mensagem seja clara – que nos possamos substituir à responsabilidade de cada um porque, mesmo nessas situações, cada um tem a sua responsabilidade.

A Confederação Operária Terceirense assume a responsabilidade de pôr em funcionamento e ao serviço esta infraestrutura. Quem usufruir desta estrutura, assume também uma responsabilidade. Assume a responsabilidade que deriva do facto de esta obra se realizar, não por milagre, não por qualquer questão de passe de magia, mas porque houve recursos financeiros que têm a ver com o dinheiro dos impostos de todos os Açorianos que foram direcionados para aqui, para pôr esta resposta em funcionamento.

Isto acontece aqui, como acontece por toda a nossa Região com este tipo de respostas e é importante a consciência daquilo de que estamos a falar quando falamos do apoio do Governo, quando falamos, no fundo, da criação desse tipo de medidas.

Trata-se do dinheiro dos impostos que cada um paga e que são, porque é essa a responsabilidade do Governo, direcionados para aqui, como são direcionados para muitas e muitas respostas, para muitas e muitas ações por parte das entidades públicas.

Significa isto que, mesmo com esta força de parceria, tudo está feito? Não, não está! Significa que tudo foi bem-feito? Não, não significa! Mas significa, seguramente, que não desistimos, nem voltamos as costas a essa responsabilidade, que assumimos voluntariamente ser os guardiães daqueles que estão ao nosso lado.

Daquele que está em risco de exclusão social, daquele que, por vicissitudes da vida, tropeçou, daquele que necessita de uma ajuda e do amparo das entidades públicas, do Governo dos Açores, da Região, para poder recompor a sua vida.

Os numerosos casos de sucesso daqueles que, com esta ajuda, recompuseram a sua vida, reergueram-se com maior dignidade, é talvez o maior incentivo a que continuemos na assunção desta responsabilidade e que continuemos efetivamente a fazer dos Açores uma região solidária.

É essa a mensagem que tenho para vos transmitir neste momento. A grande força que encerra esta cerimónia, que vai muito para além destas paredes, que vai muito para além deste concelho, desta ilha e que se estende a toda a nossa Região.

Essa responsabilidade que dá este fruto e outros frutos como este, deve ser uma responsabilidade assumida por cada um de nós porque, assim, será muito mais fácil que todos possamos caminhar e avançar como Região e como Povo.

As maiores felicidades à Confederação Operária Terceirense e a todos aqueles que tiverem neste espaço um incentivo para a continuação da sua vida e as maiores felicidades a todos aqueles que aqui estão.

Muito obrigado!